

"Por detrás da balbúrdia das linguagens, das lógicas, dos discursos, das cenas e das encenações, o analista é aquele que sabe ouvir essa vociferação espontânea e silenciosa que é a própria vida."

Nicolas Abraham¹

O que pensar de um livro que aposta numa felicidade fora do Ventre providencial, não nirvânica, que não abre mão de uma alegria plena vivida fora do aquário climatizado onde moraria a lembrança nostálgica e mítica? Nicolas Abraham e Maria Torok falam do despertar-se a si e ao mundo como um ato de volúpia: explorando o conceito ferenciano de introjeção, pensam que o ego, durante sua formação, serve-se dos objetos do mundo para realizar sua gênese e seu enriquecimento libidinal. Pólo do ego em vias de constituição, os objetos do mundo são mais intensamente investidos à medida que trazem consigo a promessa da introjeção. Estes objetos só deixam de ser os supostos detentores de tudo que o ego necessita, para seu crescimento, quando o processo de introjeção tiver chegado a seu termo. A introjeção é este mecanismo que permite "estender ao mundo exterior os interesses, primitivamente auto-eróticos, incluindo os objetos do mundo exterior na esfera do ego." Aqui, trata-se de um processo de libidinização do ego, de alargamento do ego, onde a introjeção do social cumpre a função de agente natural e gerador que rompe a simbiose que une a mãe à criança.

Entre a casca e o núcleo

Resenha de Nicolas Abraham e Maria Torok:
A casca e o núcleo,
São Paulo, Ed. Escuta, 1995, 439 p.

Somos réus de um suposto "crime", diz Abraham, acusados de sermos campo de cultura para os mecanismos de introjeção terminarem uma até então "inocente" relação simbiótica. Realizadas as introjeções na relação com a mãe, a criança que fomos tende a sair do invólucro materno e, pelas introjeções de tudo aquilo que não seja o maternante da mãe, constituir-se num envelope sexuado. Produto do processo introjetivo, duplica-se na criança - o pólo-objeto da relação simbiótica - um objeto interno e um objeto externo, constituindo o próprio advento do ser e de seu vir-a-ser. O simples gesto de alisar o céu da boca com a própria língua, por exemplo, erogeniza um lugar "tocando-tocado" por onde se instala, em si, um objeto que serve de referência para a apreensão de novos objetos externos homólogos. Os novos objetos propiciarão novos ajustes no objeto interno, de acordo com a prova de realidade, estendendo o campo frutivo por onde se descobre o poder de imaginar-se em todas as posições da cena primitiva ou de fantasiar a identidade para os pais. Estes gozos orgásticos da primeira infância, dizem os autores, são os verdadeiros instrumentos com os quais se pressente e se elabora o nós-mesmos ...

Só para experimentarmos a fecundidade desta formulação, vejamos o que Abraham e Torok escutam da inveja do pênis. Na mulher, o desejo de ter um pênis, "ser homem", é sintoma de um certo estado de desejo não-realizado, cujo objeto é um pênis idealizado, hiperpotente. A eleição do pênis como objeto idealizado é, de fato, fruto de um recalçamento feito pela filha, em proveito da mãe: a filha renuncia aos progressivos e voluptuosos despertares para a maturidade, impede sua abertura para o futuro, aliena seus atos de domínio esfinteriano, suprimindo os desejos fortes que a mãe reprovava nela. Tal é o juramento de fidelidade que o "eu queria ser homem" autentifica: o que a mulher não pode nem sentir é o desejo de gozar com o pênis à maneira de uma mulher, como

está prescrito no destino de seu sexo. Essa parte falso, preciosa, recalçada, tornou-se privilégio da mãe. Ao cobiçar o pênis-coisa, a mulher renuncia ao exercício do próprio ser. Seria através do movimento expansivo das introjeções (penetrar-se, absorver, assustar-se, desinibir, integrar...), que a mulher se liberaria do domínio que a mãe imaginou exercer, a seu bel-prazer, sobre os atos que proíbem ou permitem o acesso ao Sexual no social e o contato com o Inconsciente, e se apropriaria deles.

E que pensar destes autores que aventam a idéia de psicanalisar os fatos biológicos - imaginem a simbolização realizando-se sempre, já desde nossa infância filogenética - para com isto sugerir um pan-simbolismo psicanalítico que serviria como método de investigação originário e universal? Que aproveitam Thalassa, a epopéia cosmogônica de Ferenczi, para propor o símbolo como uma potência imanente que reúne em si mesmo, desde o princípio da vida, causa e sentido, corpo e alma, fenômeno e transfenômeno?³

Thalassa é a ficção orgânica que esticou radicalmente a afirmação freudiana sobre a "elasticidade da matéria viva", propondo que se "fragmentos inteiros de história perdida ou inacessível por outros meios são

conservados, à maneira dos hieróglifos, nas formas de expressão simbólicas ou indiretas do psiquismo ou do corpo, (poder-se-á ousar) aplicar aos grandes mistérios da gênese da espécie o método (psicanalítico) de decifração da história individual. (...) Não seria possível que, além da semelhança puramente exterior entre as situações do pênis na vagina, da criança no ventre materno e do peixe na água, este simbolismo exprimissem também uma parte de conhecimento filogenético inconsciente, pelo fato de descendermos de vertebrados aquáticos?"⁴

Abraham/Torok não querem que paire nenhuma potência superior dando conta de nossa condição. Por isto, eles nos propõem tomarmos o aparelho psíquico - paradigma do funcionamento simbolizador - da perspectiva de um realismo genético e transfenomenal. No aparelho psíquico, o arquê seria o símbolo primeiro, símbolo-orgânico, contemporâneo da noite dos corpos, nascendo no umbigo do ser, entrelaçado com o tempo, o ego e o outro.

O arquê, desde a época protoplasmática, frutifica sempre em mais símbolos, através da potencialização de uma angústia originária, presente já na tensão entre as pulsões mais primitivas, de vida e de morte. O eu elementar individualiza-se antecipando uma potencialidade, figurando em si o que ele não é; faz isto através da reiteração pulsante de uma clivagem que salva o Eu do sufocamento na angústia originária. Essa pulsação fusão-defusão se alterna, desde a filogênese, a partir de uma defasagem na estrutura intersubjetiva. Tanto o Eu quanto o Outro, os dois termos da estrutura intersubjetiva, estão

ameaçados de regredir na angústia originária, sendo incitados a novos simbolismos através da repetição, infinita, do ato de clivagem primeiro.

Desta genealogia, surge um indivíduo-em-redobramentos, que é capaz de organizar seus múltiplos funcionamentos simbolígenos em um núcleo, induzindo um horizonte, junto com núcleos supranuméricos induzidos por este horizonte.

Vou referir apenas uma das conseqüências que os autores extraem desta concepção arqui-lógica do símbolo na constituição do psiquismo: uma patologia dos simbolismos, que nasce dos modos de afecção possíveis entre duas díades individuais em iteração fisiológica. As díades em iteração re-determinam-se em conjuntos mais complexos, fabricando simbolismos que podem ser de tipo integrativo, ou reflexivo, ou duplicativo, ou agregativo, ou sociativo ...

Penso que já teríamos aqui o suficiente para nos instigar; ainda assim, vale nos determos na maneira pela qual os autores trabalham a diferença entre introjeção e incorporação, para a prolongar em resultados clínicos significativos. Mais uma vez na trilha húngara, eles afirmam que toda incorporação tem a introjeção como vocação nostálgica.

"O início da introjeção se dá graças a experiências do vazio da boca, duplicadas por uma presença materna. Esse vazio é inicialmente vivenciado como gritos e choros (...); depois ainda, como autopreenchimento fonatório, pela exploração línguo-pálato-glossal do vazio, em eco a sonoridades percebidas desde o exterior e, finalmente, como substituição progressiva parcial das satisfações da boca, cheia de objeto materno, pelas da boca vazia do mesmo objeto, mas cheia de palavras endereçadas ao sujeito. (...) Preencher com palavras o vazio da boca é um primeiro paradigma da introjeção. (...) A constância (de uma mãe que possua a linguagem) é a garantia necessária da significação das palavras. Quando essa garantia é adquirida, as palavras podem substituir a presença materna e dar lugar a novas introjeções. (...) Introjetar um desejo, uma dor, uma situação, é fazê-los passar pela linguagem numa comunhão de bocas vazias."⁵

Mas quando perdemos um objeto e o processo introjetivo ainda não se completou, as partes não assimiladas da pulsão se fixam na imagem e o ego é obrigado a manter vivo aquilo que lhe causa sofrimento; a esperança é que os desejos fixados nesta imagem possam um dia realizar-se. Em segredo, o ego recusa o veredito do objeto e da realidade, para incorporar, ma-

gicamente, o objeto que se furto à sua missão de mediatizar a introjeção do desejo. Faz isto como se recuperasse um cadáver saboroso. Ao absorver o que se perdeu, sob a forma de alimento, imaginário ou real, no momento em que o psiquismo está lutando, o indivíduo recusa o luto, recusa-se a introduzir em si a parte de si mesmo depositada no que está perdido, recusa-se a saber o verdadeiro sentido da perda, recusa sua introjeção: instala túmulos na vida do Ego.

"É porque a boca não pode articular certas palavras, enunciar certas frases, que se tomará, em fantasia, o inominável, a própria coisa. (...) Por não poder se nutrir das palavras trocadas com outrem, (a boca) vai se introduzir, fantasisticamente, pessoa inteira ou parte dela, como única depositária do que não tem nome. (...) Não vindo as palavras da boca preencher o vazio do sujeito, este introduz no lugar uma coisa imaginária. O artifício desesperado, que consiste em encher a boca de um alimento ilusório, terá por efeito suplementar - ilusório também - suprimir a idéia de uma lacuna a ser preenchida com a ajuda das palavras."⁶

Agora já podemos falar do segredo no outro, o fantasma, essa instalação de estranhos no inconsciente, que se manifestam não pelo sintoma, mas pela "possessão". Ou seja, aquela formação no inconsciente que não é produzida pela autocriação do sujeito a partir do jogo de introjeções e recalcamientos, mas é alcançada pela introdução de um personagem nasci-

do do amor interrompido e aviltado de um dos pais, do amor conservado no inconsciente deste genitor e transmitido para o inconsciente do filho. A aparição do fantasma indica os efeitos sobre o descendente daquilo que, para o pai ou para a mãe, ficou oculto e jamais formulado, ou teve valor de ferida narcísica. Torok cita por exemplo a mãe de Hans, que transmite, pelo interdito, seu próprio temor em relação ao sexo, não podendo mais ser investida como ideal de ego: ao recusar-se "pôr o dedo", na hora da toaleta, qualificando este gesto - reclamado por Hans - de "porcaria", percebemos neste "o dedo" (em vez de "a mão") a voz fantasmática que repete uma antiga injunção feita à própria mãe de não por "seu dedo", e que reproduz sobre seu filho o interdito de que ela mesma foi vítima.

Podemos falar também dos criptofóricos. Aqueles indivíduos que compartilharam segredos vergonhosos, atos ilícitos, ações desubjetivantes, e que, após perderem o autor destas desonras, tiveram que calar-se em nome do amor que lhe devotavam. Impedidos de qualquer luto, de qualquer reintrojeção do objeto perdido, impelidos a um luto indizível, obrigados a engolir e a colocar em conserva todos seus afetos, restou-lhes somente instalar uma cripta, uma sepultura secreta, no seio do ego; espécie de anti-introjeção, onde repousa vivo todo o vergonhoso que tornou a introjeção impossível. A partir disto, o sujeito vive afetos no lugar de um outro, cria todo um mundo fantasístico inconsciente que tem uma existência oculta e separada. A este mecanismo, que consiste em trocar sua própria identidade por

uma identificação fantasística com a "vida" de além-túmulo do objeto perdido, por efeito de um traumatismo metapsicológico, os autores chamam "identificação endocríptica."

Lembrei-me de uma pessoa, melancólica, que vinha se mutilando à gilete, diariamente, sem sentir dor alguma, "como se o corpo não fosse meu." Ela vivia sentindo suas pernas pesadas, e não gostava de seu pai, apesar de ser quem mais cuidava dele na família. Ela era responsável por carregar para o túmulo um segredo inconfessável do pai: contava que este, um simples trabalhador, estando no *front* do leste durante a segunda guerra mundial, e tendo sido ferido nas pernas, teve que ficar internado num hospital de refugiados. Ao recuperar-se, ainda engessado, foi designado *quarter-master* de seu campo de refugiados, onde ficou por mais um ano, até o final da guerra. O pai lhe contou, entre outras coisas terríveis, que torcia muito para que os americanos chegassem antes dos russos, pois estes punham os feridos nas calçadas e passavam com seus tanques por cima, quando se tratava de nazistas como ele. A filha me dizia, com revolta e asco, que o pai sempre repetia a história de um dentista judeu que lhe arrancou um dente sem anestesia e que, anos depois, participando de um cerco para embarcar judeus nos trens da solução final, teve a chance de dizer para aquele dentista, em

latim vingativo: "hoje eu, amanhã você!" O que fazer com estes segredos, era a questão perene que perturbava esta pessoa ...

Para finalizar, não posso deixar de ressaltar que, em toda esta obra conjunta, o que Abraham e Torok mais fazem, lançando mão de uma poética de nomes inéditos e de um inventivo exercício conceitual, é nos incitar a reservar um lugar-em-nós para esta psicanálise onde somos os responsáveis exclusivos daquilo que produzimos, esta psicanálise que inexistente antes de ir sendo desembolada da ação de seu próprio núcleo, sempre oculto, inatingível, esta psicanálise onde as teorias de Freud formam a casca protetora de sua intuição. Os efeitos da ação deste núcleo podem ser atestados pela resistência da psicanálise em se submeter a uma sistemática enciclopédica, a uma organização unitarista, ou em se constituir como prática transcendente ou como tecnologia metafísica, seja ela

matemática ou harmonizante. Se as teorias sexuais infantis constituem o invólucro que dissimula e revela ao mesmo tempo, é porque são a mensagem de um núcleo do ser, transmitida pelo canal da pulsão e acolhida na forma de fantasia; portanto, não podemos recusar a existência do hiato pré-histórico que separa o "eu" do "me" inominável, uma não-presença a si, esse impen-sado, anassemia, de onde jorram todos os sentidos.

NOTAS

1. N. Abraham e M. Torok, *A casca e o núcleo*, São Paulo, Ed. Escuta, 1996, p. 166.
2. S. Ferenczi, "O conceito de introjeção", in *Obras Completas*, vol. 1, São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1991, p. 181.
3. No transfenômeno o símbolo é imaginal, a um só tempo transobjetivo (é gênese concreta de um funcionamento que resulta dos modos de funcionamento anteriores, indo da motricidade da ação, do gesto motor impossível, até à motricidade verbal, ao discurso dramatizado) e transsubjetivo (opera por uma indução, no inconsciente, de conteúdos conscientes recebidos pela audição de um outro).
4. S. Ferenczi, *Thalassa*, São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1990, p. 57-58.
5. N. Abraham e M. Torok, op. cit., p. 245-246.
6. N. Abraham e M. Torok, op. cit., p. 247.

Maurício Porto é psicanalista; trabalha em consultório, no hospital-dia A CASA e na ESTAÇÃO Cooperativa de Acompanhamento Terapêutico.